

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Formação Intercultural de Educadores Indígenas

Yan Cruz Nascimento

TERRITÓRIO PATAXÓ CARMÉSIA: CULTURA E POLÍTICA

Belo Horizonte
2022

Yan Cruz Nascimento

TERRITÓRIO PATAXÓ CARMÉSIA: CULTURA E POLÍTICA

Monografia apresentada ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito final para obtenção do título de licenciado Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rocha de Almeida e Castro

Coorientadora: Dra. Paula Cristina Pereira Silva

Belo Horizonte
2022

*Dedico esse trabalho à Deus,
à minha família e a toda a minha
comunidade, principalmente os
que colaboraram diretamente e
indiretamente para que essa
pesquisa chegasse a término.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi desenvolvido graças o apoio de várias pessoas. Então através deste venho agradecer primeiramente a Deus por ter me ajudado, dando-me força, inteligência e sabedoria.

Agradeço a minha família.

À minha esposa que também, que me auxiliou no meu percurso.

Aos caciques que me ajudaram com a elaboração desse projeto, por meio de entrevistas.

A todos que me apoiaram para que pudesse desenvolver este trabalho que servirá de material escolar para as escolas indígenas.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar a história de luta do povo pataxó após o massacre de 1951 quando muitos indígenas deixaram sua terra natal, Aldeia Mãe Pataxó Barra Velha, em busca de outras terras no estado de Minas Gerais. Algumas famílias chegaram na cidade de Carmésia em uma fazenda onde foi de um português chamado coronel Magalhães e essa fazenda já estava como terra do governo após a morte do fazendeiro. Os indígenas ocuparam essas terras e ali construíram suas vidas famílias e aldeias, como mostra este trabalho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Entrada da aldeia	12
Figura 2: Mapa do território indígena pataxó Carmésia	16
Figura 3: Cacique Mesaque pataxó	17
Figura 4: Alexandre Pataxó	18
Figura 5: Txiwundayba conhecido como seu Emanuel	19
Figura 6: Aldeia Sede	20
Figura 7: Aldeia Kanã Mihay	21
Figura 8: Cacique Luiz conhecido como Soim	22
Figura 9: Produção de farinha de mandioca	23
Figura 10: Mutirão de limpeza para fazer hortas	24
Figura 11: Cestas básicas sendo entregues	24
Figura 12: Escola estadual indígena pataxó Kanã Mihay	25
Figura 13: Pátio da Aldeia Encontro das Águas	25
Figura 14: Ritual das águas, abertura das danças culturais	26
Figura 15: Pátio da Aldeia Imbiruçu	28
Figura 16: Mapa com o fluxo de migração das famílias	29
Figura 16: Mapa do território com as aldeias que o compõe	30
Figura 17: Modalidade de arco e flecha que tenha na festa pataxó	31
Figura 18: Modalidade derruba toco	34
Figura 19: Modalidade corrida do maracá	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Trajetória	9
CAPÍTULO 1. A HISTÓRIA DO TERRITÓRIO PATAXÓ DE CARMÉSIA	12
1.1. História do povo Pataxó	13
1.2. História da fazenda guarani e chegada dos pataxós no território	14
CAPÍTULO 2. A GEOPOLÍTICA DO TERRITÓRIO PATAXÓ DE CARMÉSIA	16
2.1. Aldeia Sede	20
2.2. Aldeia Kanã Mihay	21
2.3. Aldeia Encontro das Águas	25
CAPÍTULO 3. A MIGRAÇÃO DAS PESSOAS ENTRE AS ALDEIAS	28
CAPÍTULO 4. FESTA AWÊ HERUÊ HU NIAMISU PATAXÓ	31
4.1. Pintura Corporal	32
4.2. Dança	32
4.3. Comidas típicas	33
4.4. Modalidades indígenas	34
4.5. Artesanato	36
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

O tema do meu trabalho de percurso é sobre a história do território indígena pataxó de Carmésia. Eu escolhi este tema devido a importância das histórias contadas pelas pessoas que moram há mais tempo no território e a necessidade de registrá-las para que as novas gerações também as conheçam.

Antes de escolher o tema, eu já tinha outras pesquisas e outros trabalhos sobre o território, mas queria fazer algo diferente, ampliar a história desde antes do falecimento do coronel Magalhães até os dias atuais, a fim de mostrar a migração das pessoas ou famílias dentro do território. Além de falar um pouco da chegada da primeira família e de como foram criadas as aldeias. Assim, neste trabalho, o meu foco também foi trazer o conceito de geopolítica, que é a geografia que estuda o território e suas políticas mundiais, pois quero mostrá-la no território indígena que vivo, como ela é colocada em prática.

A geopolítica abrange vários aspectos territoriais nas comunidades indígenas, por exemplo, habitantes, climas, regimentos, etc. Envolve todos esses aspectos, o espaço geográfico de uma determinada localidade, a quantidade de habitantes e a organização interna regida por vários membros dependendo da localidade, do povo ou da nação. Na minha aldeia temos nossas lideranças, o cacique, vice cacique, e a comunidade, onde temos o nosso próprio regimento.

Nesses tempos de pandemia de Covid-19, foi um momento de muito aprendizado e também de muitas dificuldades para realizar esta pesquisa, de fazer as entrevistas. Assim, tive que lidar com a tecnologia para tentar fazer meu percurso, pois as pessoas tinham receio de receber visita, por mais que seguisse os protocolos de proteção e tomasse todo cuidado necessário. Com isso, grande parte das entrevistas propostas nesta pesquisa, foram realizadas através de áudios via *WhatsApp*, sendo que nem todas as perguntas foram respondidas, devido ao fato de algumas pessoas não terem o domínio sobre o aparelho celular.

Trajetória

Eu me chamo Yan Cruz Nascimento, nascido em 16 de maio de 1994 na aldeia mãe Barra Velha, situada no município de Porto Seguro. Sou de uma família de baixa renda e ainda pequeno percebi que minha família não tinha nenhum meio de renda para nossa subsistência. Eu tinha 10 irmãos e nós passávamos muitas necessidades. Meu pai tinha que ir pegar madeira na mata para fazer artesanato e vender na praia para os turistas que vinham visitar o litoral. Ele produzia vários artesanatos e saía para vender enquanto nós ficávamos em casa esperando que ele pudesse vender alguma coisa para comprar o arroz e carne para jantar.

Quando às vezes tinha merenda na escola era uma alegria porque quando chegava em casa não sabia se tinha alguma coisa para almoçar. Para nós também era uma alegria quando a Funai na época mandava umas roupas e sapatos para o pessoal da aldeia, nós escolhíamos as que serviam na gente. Desde novo comecei a sair com meu pai para ajudar ele vender os artesanatos na praia. Eu ficava observando como ele produzia os artesanatos e comecei a ficar curioso. Eu ia com meu avô para a roça e ele sempre me falava da importância do trabalho e o incentivava, me ensinava a época certa para o plantio e como fazia para cuidar da plantação (uma roça).

Eu tinha pouco tempo para brincar com as outras crianças porque eu ajudava meus pais e, depois que meus irmãos mais velhos casaram, ficou só eu de maior em casa e meus pais saíam para trabalhar e eu cuidava dos irmãos mais novos, faziam as coisas dentro de casa comida, limpeza de casa, etc. Estuei no período da tarde desde o pré até a quarta série. Nos finais de semana ajudava minha família nas despesas, fazia limpeza de quintais e várias outras coisas.

Aos 10 anos eu mesmo já produzia meu artesanato que aprendi com meu pai e vivia uma vida de adulto sempre trabalhando e estudando. Nunca gostei de faltar nas aulas porque era para mim uma forma de relaxar e de brincar no intervalo das aulas. A gente passava por fases difíceis, quando um chinelo quebrava, tinha que amarrar com um fio ou arame até arrumar dinheiro pra comprar um novo, a roupa nova era para usar na escola. Eu só tinha duas e que tinha que usar pelo menos umas duas ou três vezes na semana. Depois que minha mãe fez o cadastro do bolsa família deu uma amenizada nas nossas dificuldades, ela recebia 300 reais e usava esse dinheiro para fazer compras para o mês.

Na época que eu estudava na terceira série, a sala nossa era feita de madeirite e chão batido, as salas que tinham na aldeia eram ocupadas pelas outras turmas. Na época tinha aula até a oitava série e os alunos estudavam o ensino médio em Monte Pascoal. Entre 2003 e 2010 teve início o ensino médio na aldeia mãe Barra Velha onde facilitou o ensino a educação indígena. Em 2009 foi a minha primeira formatura de conclusão do ensino fundamental anos finais e eu fiquei muito triste porque não pude participar da festinha porque não pude ajudar na contribuição. Minha família não tinha o dinheiro e eu chorei muito. Depois que eu entrei para o ensino médio o meu objetivo era trabalhar e conseguir dinheiro para minha formatura em 2012. Foi três anos de muitas lutas, mas todo dinheiro que arrumava tinha que ajudar nas despesas de casa e não estava dando para juntar. Então eu resolvi que cada vinte ou trinta reais que recebia eu iria guardar 10 reais.

No ensino médio eu estudava 2 vezes por dia de manhã, a noite e de tarde eu trabalhava para as pessoas capinando roçando, etc. Depois de um tempo eu me formei no ensino médio, em 2012, e foi muito bom. Em 2013, eu resolvi sair de casa em busca de uma vida melhor e eu fui para Minas Gerais para casa do meu irmão que mora em Carmésia. Ele conseguiu um serviço de servente de pedreiro em Itabira e fiquei sete meses trabalhando. Antes de ir para Itabira eu comecei um relacionamento com uma indígena da aldeia que se chama Lária, começamos a namorar, e em outubro eu a pedi em casamento. Casamos em 2014 e no final do ano em novembro tivemos um filho que se chama Ekewakã. Foi mais uma luta porque meu filho era recém-nascido e eu trabalhava no Morro do Pilar e só vinha para casa no final de semana, foi muito difícil. Trabalhei por um ano assim e em 2016 fui trabalhar em uma outra empresa. Saía 4 da manhã e retornava às 7 da noite. Quando chegava o meu filho já estava dormindo e eu só brincava com ele nos finais de semana.

Eu sai dessa empresa e fui para Bahia com minha esposa e filho tirar umas férias, quando voltei, comecei a trabalhar na Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá da aldeia Sede. Inicialmente, trabalhei com o EJA Anos Iniciais por 2 anos e depois com os alunos dos Anos Iniciais do 3º ano ao 5º ano. Em 2018 comecei a trabalhar no Ensino Médio e estou atuando até os dias de hoje.

Devido ao momento que estamos vivendo, uma pandemia, fomos obrigados a ficar em casa trabalhando com o ensino remoto, aproveitei para construir com as tarefas da minha casa e curtir momentos com a minha família. Depois que essa pandemia chegou as coisas

tiveram uma certa mudança, tanto pude aproveitar mais o tempo com a família, quanto ter tempo para trabalhar na roça e terminar de construir minha casa. Assim, eu e minha família nos reunimos para fazer um acampamento na roça, onde construímos uma casa de pau a pique, um tipo de construção que as pessoas não faziam a muito tempo. As crianças e os jovens adoraram brincar no barro e aproveitar cada momento da construção, eu também ensinei os meninos a fazerem armadilhas para pegar animais.

Figura 1: Entrada da aldeia.



Fonte: Yan Cruz, 2021

1. A HISTÓRIA DO TERRITÓRIO PATAXÓ DE CARMÉSIA

1.1 História do povo Pataxó

Os Pataxó são grupos de ameríndios que tradicionalmente vivem na região do sul da Bahia e no passado percorriam as matas dos estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo até o litoral. Hoje em diversas áreas localizadas em três estados brasileiros, no extremo sul da Bahia, no centro-leste de Minas Gerais e mais recentemente em uma aldeia no estado do Rio de Janeiro, no litoral sul, em Paraty. A Bahia é o estado brasileiro em que há mais aldeias, cerca de 36. Em Minas Gerais, há oito aldeias e apenas uma no Rio de Janeiro.

Todas as aldeias se originaram a partir de Barra Velha, na Bahia, que é considerada a **Aldeia-mãe**. Os Pataxó foram um dos primeiros povos indígenas a ter contato com a civilização não indígena no Brasil, contato este que se deu a partir da invasão do Brasil, no início no século XVI pela esquadra de Pedro Álvares Cabral. Este contato fez com que nós, indígenas, fôssemos obrigados a deixar de falar nossas línguas, a esconder nossos costumes, a deixar de praticar os nossos rituais e de sermos nós mesmos. A partir da colonização da região e, conseqüente derrubada das matas, fomos catequizados, escravizados e confinados em pequenas extensões de terra. O contato e a conseqüente dominação nos trouxeram doenças e roubaram as nossas terras.

A língua Pataxó se dividia em pelo menos duas variedades linguísticas que pertenciam ao tronco Macro-Jê e à família Maxakali, o mesmo tronco e a mesma família a que pertence a língua Maxakali e pertenciam outras línguas que não sobreviveram à colonização, como o Malali, o Makuni, o Panhame e o Koropó dentre outras. Tais variações da língua Pataxó eram chamadas de Pataxó meridional e o Pataxó setentrional, este último mais conhecido como Pataxó Hãhãhãe. Infelizmente as duas variedades não sobreviveram plenamente à violenta repressão dos colonizadores. A última falante de Pataxó Hãhãhãe, Bahetá, morreu nos anos 60 sem que a língua pudesse ter sido documentada adequadamente. Desde 1998, o povo Pataxó tem se empenhado em recuperar sua língua, rebatizada de Patxohã, vivemos então um processo de revitalização linguística.

A dispersão de grupos pataxó para outras regiões foi motivada pelo *Fogo de 51*, como ficou conhecido o massacre dos parentes na Aldeia Barra Velha na Bahia. Os Pataxó sempre foram perseguidos desde a colonização, mas o *Fogo de 51* foi um dos acontecimentos mais marcantes para nós, povo Pataxó. Esse conflito ocorreu entre os Pataxó e os policiais da região de Porto Seguro e de Prado.

O *Fogo de 51* foi um incêndio tido como criminoso que devastou toda a terra de Barra Velha. Nesse massacre, os indígenas tiveram suas casas queimadas, foram chicoteados, brutalmente espancados, torturados e há relatos de estupros de mulheres e de crianças e mortes por policiais. Essa dolorosa história deixou marcas profundas na memória do povo pataxó e hoje há muito receio de ficar lembrando este fato. Com isso, houve uma dispersão muito grande do povo Pataxó e muitos grupos fugiram para tentar sobreviver.

Essa dispersão e o conseqüente estabelecimento de aldeias Pataxó fora da Bahia acabou provocando outras dispersões nas décadas seguintes. Além disso, os grupos que permaneceram em Barra Velha foram se isolando em pequenas terras indígenas. Esse isolamento aconteceu aos poucos, à medida que os colonizadores iam chegando e tomando para si as terras. Por causa disso, os grupos Pataxó foram sendo ilhados em suas próprias terras. Mais tarde, com muita luta, as terras tradicionais foram sendo reconhecidas pelo estado brasileiro, mas depois de muitos conflitos, o que acontece até hoje. Os 17 grupos que se dispersaram para outras regiões do Brasil, criaram novas aldeias em que foram se fixando.

1.2. História da fazenda guarani e chegada dos pataxós no território

Os grupos que se refugiaram em Minas Gerais foram para o município de Carmésia, nas terras localizadas onde havia a Fazenda Guarani, que hoje está localizada a Terra Indígena Pataxó. O Território Indígena Fazenda Guarani tem aproximadamente 3.278 hectares onde atualmente situa 4 aldeias, são elas: Sede, Imbiruçu, Encontro das Águas e Kanã Mihay.

O território passou por vários processos até chegar a ser oficialmente demarcado e passado para os indígenas. A Fazenda Guarani era de um português que se chamava Coronel Magalhães, quando ele faleceu passou a ser do governo porque ele não tinha nenhum herdeiro para assumir a posse de suas terras. Na época da ditadura militar a fazenda foi usada como campo de concentração, depois a Funai usou como presídio para colocar os indígenas que cometiam delitos e eram presos nessa fazenda. Vários indígenas vieram como presos e depois chegaram outros indígenas, passaram por ela na época, os Xerentes, Xavante, Caingangues, Pataxó hahahãe, Guaranis, Krenak, Pataxó e Pankararú.

Em 1975 chegaram as primeiras pessoas pataxó que da Bahia, seu Emanuel e sua família. Depois foram chegando novas famílias e a população indígena foi aumentando, depois algumas divergências aconteceram e o governo queria que os indígenas fossem embora. Algumas famílias foram morar em Espírito Santo mas viram que a terra não era boa e não atendia suas necessidades, resolveram retornar para Minas Gerais e foram morar afastado da aldeia mas dentro do território. Seu Emanuel os chamou para morar na aldeia novamente e ajudaram eles a se reconstruir e fazer suas casas.

Muito tempo depois começou a surgir algumas divergências internas e foi onde começou a divisão de algumas pessoas. Com isso, foi surgindo novas aldeias e por volta dos anos 90 surgiu a aldeia Imbiruçu pela liderança do cacique Bastião (Mongongá) e seu Valdivino que era seu vice cacique. Então passou a ter duas aldeias Imbiruçu e aldeia Sede. No ano de 1990 as aldeias se reuniram e se fortaleceram para conquistar a luta pela terra, assim, em 1991 a terra foi legalmente demarcada pelo engenheiro Adelino.

Após a demarcação do território muitas famílias foram chegando fazendo a migração entre Bahia e Minas. Atualmente no território indígena pataxó de Carmésia reside aproximadamente 450 famílias, sendo dividido em 4 aldeias.

Figura 2: Mapa do território indígena pataxó Carmésia.



Fonte: Google maps, 2022

1.2. A GEOPOLÍTICA DO TERRITÓRIO PATAXÓ DE CARMÉSIA

A geopolítica do território indígena onde moro é organizada por grupos de lideranças. No território existem várias aldeias que são dirigidas por poderes semelhantes ao grupo que governa o país. Porém, os governantes do nosso país lutam pela disputa de poderes por uma cadeira no congresso onde alguns querem melhorias e outros querem desfazer o que está pronto uma lei. A aldeia é composta pelo cacique, vice cacique, lideranças e comunidade, onde se reúnem para discutir uma forma melhor de organização interna e para lutar pelas conquistas de melhorias para a aldeia e território.

Na comunidade indígena pataxó aldeia Sede, temos a liderança principal que é o cacique e o vice cacique e demais membros escolhidos pelo cacique.

Cada pessoa se torna um líder a partir do momento em que ele começa a fazer o seu papel na comunidade, no momento da limpeza da aldeia para a realização da festa *Awê Heruê*, na limpeza do centro cultural, na busca da lenha, no ritual, na cozinha, etc. Todos se tornam um líder fazendo o seu papel.

Figura 3: Cacique Mesaque pataxó



Fonte: Desconhecida

O membro maior na aldeia pataxó é o cacique, a ele compete lidar com o grupo nas decisões e iniciativas comunitárias. Ele é também o intermediário entre o povo Pataxó e órgãos governamentais, públicos e sociedade nacional, quem nos representa na luta pelos direitos das comunidades indígenas com demais caciques de várias aldeias em busca de melhorias para os povos indígenas, como demarcação das terras, implantação de serviços de saúde, garantia da educação específica e diferenciada para aldeia.

Figura 4: Alexandre Pataxó



Fonte: Roberto Ecologia

O vice cacique é o responsável pela comunidade na ausência do cacique, e pela posição de confiança perante a comunidade também tem influência nas decisões. Ele também participa de reuniões com o cacique na luta pela melhoria de nossas comunidades, da nossa educação, saúde, terras e dentre outros direitos e demandas que temos.

Figura 5: Txiwndayba conhecido como seu Emanuel.



Fonte: Desconhecida

O ancião *Txiwndaiba* foi uns dos caciques que lutou pela demarcação do território indígena situado no município de Carmésia em Minas Gerais. Morava no estado da Bahia, e resolveu mudar de aldeia devido a algumas dificuldades, como do cultivo na terra e falta de trabalho. Ele e sua família migraram para outro estado em busca de melhorias para sua comunidade.

Atualmente, o território indígena pataxó fazenda guarani situado no município de Carmésia abrange uma população de aproximadamente 1000 pessoas, sendo dividido em 4 aldeias que possuem uma organização interna voltado com a ideologia de cada cacique e grupos de lideranças. A seguir vou apresentar, brevemente, cada uma dessas aldeias.

Figura 6: Aldeia Sede



Fonte: Juliana Borges

2.1 Aldeia Sede

Esta aldeia é liderada pelo cacique Mesaque Silva de Jesus e Alexandre Borges (Xé), composta por aproximadamente 48 famílias e tem em média umas 160 pessoas incluindo adultos, crianças e adolescentes. Nela é comemorada a festa *Awê Heruê Hü Niamisu* no dia 19 de abril, ocasião onde desenvolvemos várias atividades culturais onde toda a comunidade envolve principalmente o quadro escolar.

Nessa aldeia temos a Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá que é composta por 3 módulos um em cada aldeia, exceto na aldeia do Encontro das Águas que foi desmembrada. Na nossa escola tem aproximadamente 40 alunos matriculados envolvendo todas as turmas da alfabetização ao ensino médio. Devido esse momento de pandemia a produção agrícola tem crescido bastante a produção de roças comunitárias e

individuais. Os trabalhos comunitários forma potencializados com a criação de uma nova associação pataxó txiwundayba no período da pandemia.

A comemoração da festa *Awê Heruê Hii Niamisu* acontece a partir do momento em que a escola e a comunidade começam a exercer os trabalhos comunitários. Através das limpezas do pátio cultural em frente ao casarão, córregos, ruas e até mesmo o centro cultural. A partir do dia 15 até o dia 21 de abril, toda comunidade se concentra no local do evento, no Centro Cultural Txywundayba, para fazer o nosso ritual que significa a união espiritual com Deus. Este é um momento em que fazemos algumas brincadeiras, modalidades indígenas, temos também as comidas típicas do povo pataxó, exposição do artesanato produzidos na aldeia, a convivência e a união com as lideranças, anciãos e toda comunidade.

Figura 7: Aldeia Kanã Mihay



Fonte: Edmar Silva

2.2 Aldeia Kanã Mihay

A aldeia Kanã Mihay é liderada pelo cacique Luiz José Ribeiro (soim) e o vice Judinê Máximo Ribeiro (peixe), composta por 30 famílias, com 143 pessoas adultos, crianças e

adolescentes. Sua festividade cultural é a comemoração em homenagem a chegada das famílias no Retirinho, local onde é a aldeia Kanã Mihay, que acontece nos dias 15,16 e 17 de maio. Sua escola é incluída no modulo da aldeia Sede e tem todos as turmas dos anos iniciais ao ensino médio. Os meios de subsistência da comunidade é a produção de farinha e criação de galinhas poedeiras.

Figura 8: Cacique Luiz conhecido como Soim



Fonte: Judinê Ribeiro

Cacique Luiz José Ribeiro, mais conhecido como Soim, está liderando sua aldeia desde 2018. Quando saíram em busca de uma nova terra e devido alguns procedimentos de interferência na posse da terra, tiveram que retornar para o Território Indígena da Fazenda Guarani onde fundaram a aldeia Kanã Mihay, no antigo retirinho.

Figura 9: Produção de farinha de mandioca



Fonte: Desconhecida

A produção de farinha para o consumo diário de suas famílias. A mandioca é retirada em sua aldeia e é produzida a farinha e o biju.

Figura 10: Mutirão de limpeza para fazer hortas



Fonte: Rosimar Pataxó

As famílias reunidas em um mutirão para a limpeza e produção de hortaliças para o sustento e subsistência de sua comunidade. Uma atividade que é realizada pelo menos uma vez por mês para fazer a limpeza da aldeia, das roças, hortas etc.

Figura 11: Cestas básicas sendo entregues



Fonte: Rosimar Pataxó

Doações de cestas básica recebida em sua aldeia e distribuídas para as famílias.

Figura 12: Escola estadual indígena pataxó Kanã Mihay



Fonte: Desconhecida

A escola estadual indígena pataxó kanã mihay modulo III vinculada à escola estadual indígena pataxó bacumuxá da aldeia sede tem em média 40 alunos incluindo os anos iniciais e ensino médio.

Figura 13: Pátio da Aldeia Encontro das Águas



Fonte: Desconhecida

2.3 Aldeia Encontro das Águas

A aldeia Encontro das Águas é composta por 25 famílias, um total de 100 pessoas jovens, adultos e adolescentes. Aliderança é cacique Sijanete e sua vice Mainã. Seus meios de

subsistência é a produção de milho, feijão, banana, além disso, cada família produz em seus quintais frutíferas como laranja banana, mamão etc.

Uma das festividades culturais mais conhecida em sua aldeia é a Festa das Águas, comemorada no dia 8 a 10 de outubro. Dentro desse ritual tem o batizado, o casamento e o pau de chuva, também é feito os *awês*, o cozinhado e o nascimento de uma criança quando nasce na aldeia. Esses são momentos que vem sendo passado de geração em geração para não esquecer da cultura.

Figura 14: Ritual das águas, abertura das danças culturais.



Fonte: Desconhecida

2.4 Aldeia Imbirucu

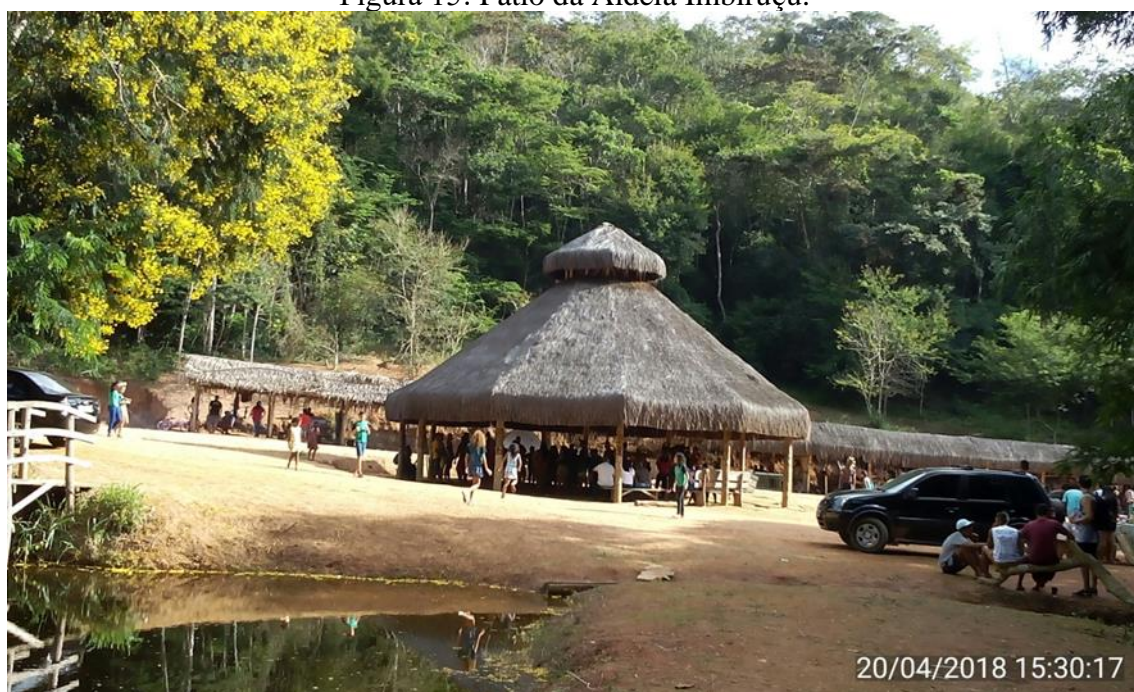
Nessa aldeia é permitido a caçada, pois é dela que muitas famílias ainda dependem. Para caçar, fazemos diversos tipos de armadilhas como mundel, laço, arapuca, quebra, fojo e outras. Da mesma forma, é permitido o corte de árvores desde não cause nenhum tipo de desmatamento. O uso das madeiras se destina à confecção de artesanato e para a construções de casas.

A aldeia Imbirucu recebeu esse nome muito antes de se tornar uma aldeia. O nome foi dado pelo cacique *Mangãgá* ainda quando a terra estava sendo demarcada, quando do alto

da serra ele avistou o espaço e disse que seria naquela localidade que ele levantaria sua aldeia. Ele escolheu esse nome por se tratar de uma árvore forte e resistente, assim como ele foi nas lutas pela conquista territorial.

Antes da demarcação, todas as famílias residiam na aldeia Sede. Ele, juntamente com seus filhos e seu único genro (Bagu), decidiram ir em busca desse novo espaço. Então eles reuniram todos da aldeia e avisaram que estavam indo fundar a sua nova aldeia. Todos ficaram de acordo e com isso ele e seus dois filhos que já tinham família o acompanharam, além do seu genro Bago. Na saída para a nova aldeia, recém batizada de Imbiruçu, a família de Divino também saiu com seu grupo familiar, para outra área do território, a aldeia Retirinho. A aldeia Retirinho ainda ficou sob o cacicado de Sebastião, e, nessa época, Bagu era o vice dele. Mesmo tendo em vista esse novo espaço, as comunidades estiveram de acordo com a atuação de *Mongãgá* atuar em ambas as aldeias.

Figura 15: Pátio da Aldeia Imbiruçu.

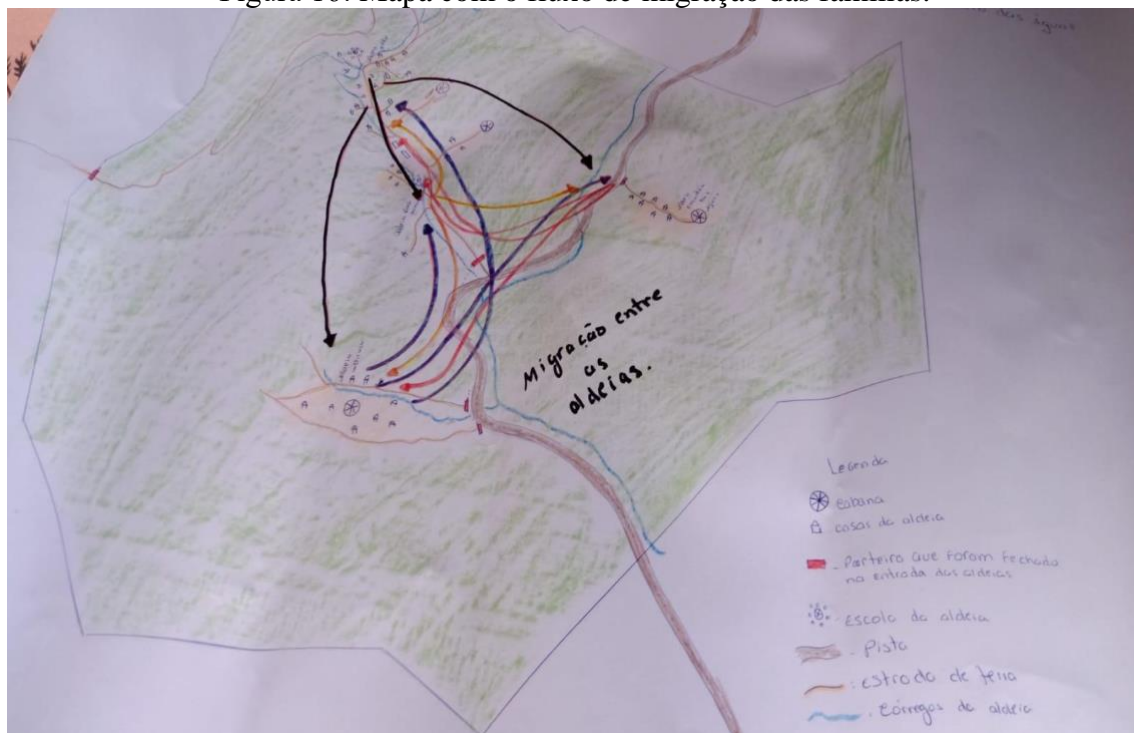


Fonte: Yan Cruz, 2018

3. A MIGRAÇÃO DAS PESSOAS ENTRE AS ALDEIAS

No mapa abaixo está a representação visual de como é a migração entre as aldeias, representada por setas de diferentes cores. Por exemplo, a seta azul significa a migração de uma família que está saindo da aldeia Imbiruçu e indo para uma das três aldeias, aldeia Sede, Kanã Mihay ou Encontro das Águas. E a sequência segue para cada umas das setas que estão saindo das outras aldeias seguindo o mesmo exemplo da primeira, porém de aldeias diferentes.

Figura 16: Mapa com o fluxo de migração das famílias.



Fonte: Yan Cruz, 2021

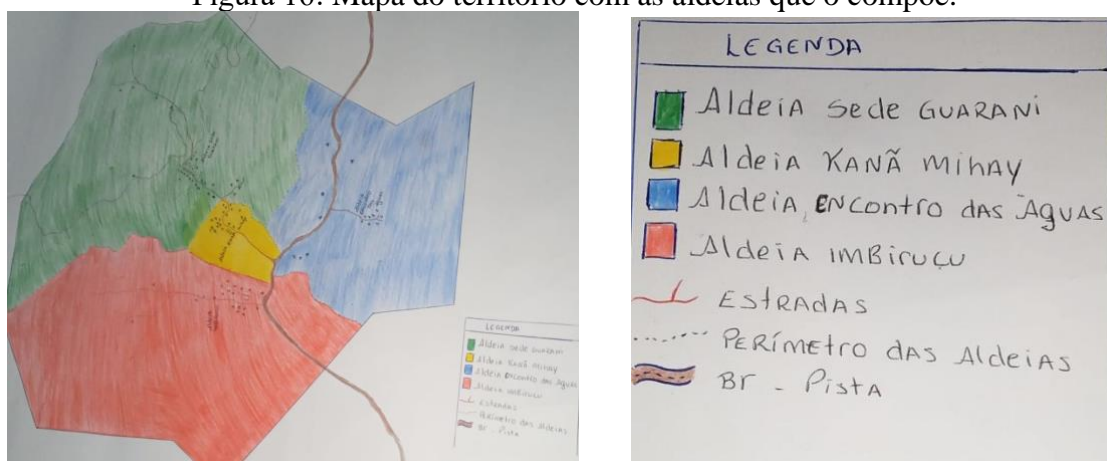
A seta preta representa a movimentação das pessoas no início da formação das primeiras aldeias. A seta azul representa a movimentação de pessoas por volta de 2000 a 2010. A seta vermelha representa a movimentação das pessoas por volta de 2013 a 2017. A seta laranja representa a movimentação das pessoas de 2018 a 2020.

A migração dentro do território acontece quando algumas famílias não conseguem se adaptar ao sistema de uma determinada aldeia, então elas buscam uma outra para morar. Atualmente temos como exemplo o casamento que também contribui para as migrações, um jovem casa com uma jovem de outra aldeia e resolvem ir para uma das aldeias. A relação entre o espaço territorial também contribui para a migração onde algumas famílias

precisam de espaço e busca outro local para se adaptar e começar uma nova vida na agricultura.

Uma das primeiras aldeias que surgiu foi a aldeia Sede, com a família de Seu Manoel que veio da Bahia, depois novas famílias foram chegando e foi aumentando o número de pessoas. Tempos depois chegaram novas famílias, ocupando cada vez mais espaços na aldeia. Foi então que algumas famílias decidiram sair e buscar outro lugar no território em busca de um espaço para cultivar suas casas. E assim surgiu a aldeia Imbirucu, com a família de Seu Mongongá e Dona Rosa. Logo depois surgiu a Aldeia Retirinho com a família de Dona Nete e seu esposo Divino. Essa aldeia surgiu também assim com as que saíram da aldeia Sede, inicialmente localizada onde atualmente está situada a aldeia Kanã Mihay. Depois de algum tempo, o pessoal da Aldeia Retirinho saiu desse local e foram para outro lugar dentro território indígena e abriram uma nova aldeia que atualmente é a aldeia Encontro das Águas.

Figura 16: Mapa do território com as aldeias que o compõe.



Fonte: Yan Cruz, 2021

Algumas famílias também saíram para abrir outras aldeias em outras cidades, a família de Baiara foi para Açucena e a família de Seu Zuza foi para Guanhães. O número de moradores da Aldeia Imbirucu também foi aumentando e o espaço passou a ficar pequeno. Além disso, a troca de lideranças também colaborou para que algumas famílias saíssem também em busca de um espaço para cultivar e fazer suas casas. Elas então saíram e foram para o espaço onde era a aldeia Retirinho que fazia parte da aldeia Sede, que foi cedida pelo cacique Mesaque para abrigar outras duas famílias, do Bago (Soin) e a família de Manoel Leite, que criaram assim, a aldeia Kanã Mihay.

Figura 17: Modalidade de arco e flecha que tenha na festa pataxó.



Fonte: Roberto Ecologia

4. A FESTA AWÊ HERUÊ HU NIAMISU DO POVO PATAXÓ

O objetivo do ritual *Awê Heruê* é cuidar da vida da nossa comunidade, celebrando as conquistas, refletindo os retrocessos, lembrando os antepassados e fortalecendo as novas conquistas. Através dele passamos para os nossos jovens e crianças o fortalecimento espiritual da comunidade envolvendo pinturas corporais, algumas modalidades indígenas, danças, brincadeiras, etc.

Essa festa também serve para nos fortalecer e nos unir quanto povo indígena pataxó através dos cantos, danças e brincadeiras. Pessoas de outras aldeias se juntam a nós para participarem do momento em que estamos realizando dentro do nosso território que pertence a um só povo.

A seguir apresento alguns dos elementos que sempre buscamos fortalecer ainda mais a nossa cultura: as comidas típicas, as brincadeiras, pinturas corporais e as danças.

4.1 Pintura Corporal

A pintura pataxó é representada pela história, sentimentos e para proteção, é um patrimônio para o nosso povo. Ela é usada para rituais como os casamentos, apresentações de danças e em nossos *awês*, uma forma de fortalecimento e espiritualidade. Para fazer as pinturas são usados o urucum (vermelho) e o jenipapo (preto) fruta retirada da natureza.

4.2 Dança

A dança representa força, luta e união. Em nosso momento de festividade, através dos rituais as pessoas se sentem livres dos problemas que vem passando. Elas poderão chegar no final limpo de corpo e alma, porquê através dos rituais buscamos força para novas conquistas e buscando orientações espirituais, cuidando dos nossos objetivos enquanto povo indígena, seguindo um determinado caminho juntos. Nesse ritual também conseguimos algumas conquistas na luta sobre a educação escolar, melhorias na área da saúde, transportes e mudanças para nossa comunidade. O *Awê Heruê Hu Niamisu* não pode acabar, pois há muito tempos nossos velhos já realizavam essa festa, então é uma prática cultural que será passada de geração para geração.

4.3. Comidas típicas

Nas nossas festas envolvemos alguns tipos de comidas típicas criadas pelos nossos ancestrais que hoje faz parte da nossa cultura. Temos o peixe assado, a farinha de mandioca, o beijú, a paçoca, o *cawî*, a batata, carne de boi assada, frutas e dentre outras variedades de alimentos envolvidos na culinária do povo Pataxó.

O peixe é temperado e enrolado na palha de patioba. Colocado em cima do giral sobre o fogo até chegar ao ponto de cozido ou assado, e depois servido.

A farinha passa por um longo processo, que é cultivar a mandioca, depois, fazer a colheita, ralar a mandioca e colocar em uma prensa para escoar a água de um dia para o outro. Feito isso, deve-se levar a massa ao forno quente e cozinhar até ela chegar ao ponto que fica seca e tornar a farinha de puba.

O beijú também passa por um processo demorado, e tem várias formas de fazê-lo. Quando feito da mandioca também é ralado, então se tira a goma ou até mesmo a massa misturada com o leite de coco, açúcar e canela, enrola na folha de banana e logo depois levado ao forno de fogo a lenha para ser assado.

A paçoca é feita com a mandioca cozida depois amassada no pilão e misturada com o coco ralado, açúcar e até mesmo canela depois misturar em uma gamela (vasilha de madeira) grande para que fique bem gostoso.

O *cawî* é uma bebida típica do povo pataxó também feita com a mandioca cozida. Depois de ralada e colocada em uma panela grande para curtir pelo menos uns três dias ou até mesmo uma semana. Depois de curtida coloca açúcar e esquentada, feito isso, é servida para as pessoas.

A batata é um alimento cultivado pelos indígenas e está presente no nosso café da manhã. Ela é tanto assada como cozida. Temos vários tipos de batatas, a mais cultivada é a batata roxa e a branca.

Nós, pataxó, sempre comemos carne, então a incluímos como uma outra opção alimentar. Através da caçada, retiramos nossos alimentos da natureza. Entretanto, atualmente compramos carne de gado, que, depois de limpa, é temperada e enfiada no espeto ou

colocada na grelha para assar. Depois com uma farofa ou até mesmo um pirão d'água com sal é servida com um copo de *cawî*. Assim, ficamos satisfeitos o dia inteiro, fazendo nosso ritual e brincadeiras.

Na nossa aldeia temos algumas frutas como a manga, jaboticaba, goiaba, banana, acerola, laranja, abacate etc. No mês que acontece as nossas festas algumas dessas frutas já acabaram por isso temos poucas variedades de frutas em tais ocasiões, mas servimos a banana cozida, melancia, mandioca, laranja e algumas outras.

4.4 Modalidades indígenas

As modalidades são importantes porque através delas hoje disputamos os jogos indígenas de Minas Gerais que acontecem anualmente em várias aldeias. Já vamos para a sexta edição dos jogos, então nos preparamos para competir em cada umas delas. Entre elas, está o cabo de guerra, arremesso de lança, corrida do maracá, futebol, arco e flecha, bodoque, corrida de tora, zarabatana, derruba toco, natação, canoagem, etc. Nas brincadeiras envolvendo o *awê heruê*, temos equilíbrio do bambu, corrida de maracá, arremesso de lança, arco e flecha e derruba toco.

Figura 18: Modalidade derruba toco.



Fonte: Desconhecida

O derruba toco é uma luta corporal que envolve duas pessoas uma de cada povo indígena. Nas regras da luta está previsto que não podem pegar no pescoço, não pode dar murro ou qualquer tipo de agressão. Os lutadores podem pegar nas partes externas do corpo, como a perna, o braço, o tronco e levá-lo até o toco que é feito de garrafa pet para não machucá-los. O atleta que derrubar o adversário no toco será o vencedor.

Figura 19: Modalidade corrida do maracá.



Fonte: Karkaju Bahia

A corrida do maracá é uma modalidade que conta com 10 participantes de cada povo indígena, em duas filas os atletas terão que disputar quais grupos serão mais rápidos. Com um maracá, o participante sai de um em um correndo uma distância de cinquenta metros e dá volta em uma lança e volta para entregar o maracá para o outro até completar os dez participantes. Vence quem concluir esse percurso mais rápido.

O arco e flecha é uma modalidade que atualmente usamos nos jogos, em competição com outros povos, também é uma forma de diversão nas nossas comunidades. Antigamente era usado na caça e pesca de vários povos indígenas e até mesmo usado como arma de combate quando ameaçados e nas lutas contra fazendeiros que queriam tomar suas terras. Nos jogos usamos para definir o melhor arqueiro, colocamos um alvo em uma distância de uns trinta metros para que o atleta acerte o centro do alvo.

4.5 Artesanato

O artesanato está presente na nossa cultura e no nosso dia a dia enquanto do povo pataxó. É usado como uma fonte de renda de várias famílias, desde os nossos velhos (anciãos) até os mais jovens. Sempre procuramos manter essa prática cultural que nos foi passada por várias gerações, buscando agregar vários conhecimentos que temos a novos artesanatos.

5. CONCLUSÃO

O tema do meu trabalho de percurso é sobre a história do território indígena pataxó de Carmésia. Eu escolhi este tema devido a importância das histórias contadas pelas pessoas que moram há mais tempo no território e a necessidade de registrá-las para que as novas gerações também as conheçam.

Concluo este trabalho com a certeza de que a cultura de um povo pode ser passada de diversas maneiras, onde sem nem mesmo perceber estamos aprendendo e ensinando nossos costumes e tradições que são passados a cada geração.

Este foi um trabalho que trouxe uma visão de como conhecemos o mundo a nossa volta ampliando tudo o que precisamos e temos que fazer para mantermos nossa cultura e nosso espaço vivo. Nossas crianças são o futuro de todos nós, são a esperança da continuidade de nosso povo, de toda a nossa tradição e cultura.

O povo Pataxó ao todo, tem um grande respeito pelos seus mais velhos e nesse trabalho podemos ver a importância de cada cacique e membro de uma aldeia. Nossos velhos são toda a nossa história e nós somos a continuidade deles e de todas as suas lutas. A luta pelo território, saúde, educação e pela nossa cultura, porque juntos somos mais fortes.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Lária Silva dos. *Memórias em tempos de pandemia na Aldeia Pataxó Sede em Carmésia (MG)*. 35p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.